



É FANTÁSTICO !!!!! UMA ANÁLISE SOBRE OS RESULTADOS QUANTITATIVOS DE PESQUISAS SOBRE APRENDIZAGEM DIVULGADAS NA MÍDIA

Vol. 1 nº 2 jul./dez. 2006

p. 165-177

*Sandra Regina Ferreira de Oliveira*¹
Unioeste / Cascavel

Resumo: Este texto foi elaborado a partir da reportagem assistida no dia treze de junho de 2004, no programa Fantástico, da Rede Globo de Televisão. Tratava-se da apresentação dos resultados de testes de Português e Matemática, aplicados em 270 alunos de escolas públicas de vinte e sete capitais brasileiras. Naquela ocasião, encontrava-me em processo avançado de uma investigação do tipo etnográfica em uma escola pública e dediquei especial atenção às repercussões que tal reportagem provocou na escola. Neste artigo, a partir da referida reportagem, de cenários construídos em diferentes lares e dos diálogos entre as professoras, provooco uma reflexão sobre como uma análise quantitativa sobre aprendizagem pode causar distorções e implicações sociais das mais diversas.

Palavras-chave: ensino-aprendizagem; pesquisas educacionais; cotidiano escolar; práticas pedagógicas

Abstract: This text was elaborated from the news watched on June 13th, 2004, in the Fantastic program, of the Net Globe of Television. One was about the presentation of the results of Portuguese and Mathematics tests, applied in 270 pupils of public schools of twenty and seven Brazilian capitals. In that occasion, I was in advanced process of an inquiry of the ethnographic type in a public school and I dedicated special attention to the repercussions that such news provoked in the school. In this article, departing from the related news of constructed scenes in different homes and the dialogues between the teachers, I provoke a reflection on how a quantitative analysis on learning can cause social distortions and implications of most diverse.

keywords: learning-teaching; educational research; daily pertaining to school; pedagogical practical.

A reportagem que originou a reflexão aqui proposta foi vinculada no programa Fantástico, da Rede Globo de Televisão, no dia treze de junho de 2004. Tratava-se da apresentação dos resultados de uma pesquisa realizada com o objetivo² de avaliar a aprendizagem dos alunos de 4^a série. A metodologia utilizada foi a aplicação de testes de Português e Matemática³ em 270 alunos de escolas públicas de vinte e sete capitais brasileiras. Os dados apontam que 80% dos alunos poderiam ser denominados como “analfabetos funcionais” pois sabem ler e escrever, mas

apresentam muitas dificuldades de interpretação, raciocínio e análise. De forma superficial, são apontados na reportagem alguns indicadores para explicar o fraco desempenho dos alunos: desatualização do método de ensino, situação social precária dos alunos, dupla jornada de trabalho e má formação dos professores.

Quando assisti a esta reportagem, já me encontrava em processo avançado de pesquisa⁴ dentro de uma escola e dediquei especial atenção às repercussões causadas pela divulgação da mesma junto aos professores. Na segunda-feira, dia quatorze, na escola, vários comentários foram tecidos a respeito da matéria. Como observava e anotava toda a rotina da escola e registrava em meu caderno de campo, anotei também estes comentários.

Na fase de escrita da introdução de minha tese, procurava uma forma de construir um texto que indicasse como uma análise quantitativa sobre aprendizagem pode causar distorções e implicações sociais das mais diversas. Ocorreu-me então, apresentar os resultados da pesquisa que desenvolvi na forma de noticiário televisivo e utilizar os comentários dos professores a respeito da reportagem divulgada no *Fantástico*, como contraposição e indicadora dos limites da minha própria pesquisa. Para dialogar com uma situação extra-escolar, inclui situações em que pais escutam a reportagem e elaboram alguns comentários.

A partir do contexto explicitado acima, neste ensaio, proponho uma reflexão sobre as influências e interferências que a divulgação de pesquisas a respeito de ensino e aprendizagem propiciam no cotidiano de professores, pais e alunos. O objetivo é incitar o leitor a refletir como pesquisas que quantificam resultados de processos de aprendizagem, podem e causam diferentes interpretações no cenário social porque apresentam, somente os resultados objetivos, medidos numericamente, que são entendidos como indicadores únicos de uma determinada situação.

Paralelamente, ao indicar as possíveis repercussões dos dados quantitativos, vou tecendo um cenário a respeito do cotidiano escolar, dialogando com autores que convidam a pensar a escola como um lugar com características próprias que devem ser investigadas e consideradas em qualquer pesquisa a respeito de saberes de alunos.

Convém destacar, ainda a título de esclarecimentos, que a estratégia metodológica utilizada na construção deste texto foi o cruzamento dos dados obtidos em uma pesquisa de cunho etnográfico, realizada em uma escola municipal de Londrina, estado do Paraná, com as repercussões causadas pela divulgação de uma outra pesquisa com alunos em diferentes pontos do país. Em comum entre as essas pesquisas destacava-se o baixo desempenho dos alunos. Este aspecto levou-me a pensar para além dos números e a olhar para as interpretações que os sujeitos envolvidos no contexto escolar elaboram frente aos resultados alcançados.

Para início de conversa, convido o leitor a imaginar as seguintes cenas:

Cena 1: A notícia

Sexta-feira, 21:00 horas. Milhões de brasileiros estão sentados em frente à TV assistindo ao jornal da noite. Com voz grave e expressão preocupada o apresentador relata os resultados de uma recente pesquisa sobre a influência da escola na aprendizagem da História, mais especificamente, sobre a compreensão do tempo histórico nas crianças. Fala o apresentador:

A avaliação foi realizada com alunos de 3ª série em Londrina, estado do Paraná, no mês de março de 2004. Os resultados apontam problemas quanto à aprendizagem do tempo e da história.

O resultado da pesquisa retrata que:

- P 75% dos alunos da terceira série não sabem qual a data de seu nascimento;
- P 41% não respondem à questão “em que cidade você mora?”;
- P 21% não conseguem ordenar dados simples em uma linha do tempo;
- P 46% não conseguem relacionar dados simples entre dois textos apresentados separadamente;
- P 64% não conseguem “ler” uma linha do tempo;
- P 63% não sabem “ler legendas”.

Finalizando a reportagem, alguns especialistas em educação tentam, em segundos, fazer uma explicação teórica sobre os resultados; o Ministro da Educação diz algumas palavras sobre as dificuldades do sistema educacional brasileiro e o jornal prossegue com outras notícias.

Cena 2 - Em três lares diferentes...

Casa 1 – O pai, ao terminar de ouvir atentamente à reportagem, olha com severidade para o filho (que vai se encolhendo no sofá) e fala: *Tá vendo, eu não falo para você prestar atenção na aula, na professora... no meio da bagunça que vocês fazem não dá pra fazer nada mesmo. Coitada da professora!!!!*

Casa 2 – O pai, ao terminar de ouvir atentamente à reportagem, olha com angústia para o filho que está correndo pela sala. Fica em silêncio. Antes de dormir pensa em como *passar o filho para uma escola particular. Considera o nível de ensino da escola pública fraco.*

Casa 3 – O pai, ao terminar de ouvir atentamente a reportagem, olha com segurança para o filho que está pendurado no pingente da cortina da sala, e diz para si mesmo em voz alta: *Ah! A escola, o ensino, os professores. Já não são capazes de acompanhar o pensamento das crianças de hoje. Elas estão muito além, pensam mais rapidamente, não se interessam mais por estes assuntos que a escola quer ensinar. É a falência do ensino.*

Cena 3 - Na segunda feira, na escola...

Sete horas e trinta minutos da segunda-feira (pós-divulgação dos resultados pelo jornal). Sala dos professores de uma escola pública. O assunto é o nível de desempenho dos alunos obtido na pesquisa realizada. As interpretações são diversas e retratadas em falas como:

- O objetivo nas séries iniciais é ensinar a ler e a escrever. Imagine se vamos ter tempo para trabalhar com tudo.
- Essas pesquisas não provam nada. Estão fora da realidade. Não estão aqui, todo dia, com os alunos, que nem a gente.
- Também, ninguém fala sobre a situação dos alunos. Como o sujeito pode aprender com fome, com pai e mãe brigando todo o dia. Até tirar piolhos da cabeça dos alunos temos que fazer ultimamente.
- No final a culpa é sempre do professor...
- Alguém pegou a cópia da avaliação na Internet?
- Eu peguei. Só para ver como era.
- Que tal aplicarmos aqui na nossa escola para ver no que dá?

Alguns professores concordam, outros ficam indiferentes. Fica assim: quem quiser aplica. Depois, cada professor faz a sua média e, caso o resultado alcançado fique acima do que o divulgado no jornal, instaura-se uma situação de alívio. A avaliação é tida como válida e o professor fica contente porque seu grupo de alunos conseguiu colocar-se fora do caldeirão do inferno da situação caótica do ensino público brasileiro. Conclui-se que a *realidade da nossa escola é diferente.*

Quando o resultado da turma é pior do que o divulgado no jornal o clima da sala é de resistência. A avaliação é tida como não válida e o professor tece várias críticas aos exercícios e à forma como foram propostos. Também não estão no caldeirão do inferno. *Esta avaliação não é adequada para nossa realidade, que é diferente.*

Estas cenas nos fornecem índices para pensarmos sobre a educação escolar em nosso país. O conteúdo desta “reportagem fictícia” é a quantificação dos resultados obtidos pelos alunos, por meio de um instrumento de avaliação. Geralmente, os alunos são submetidos a teste de múltipla escolha. Esta verificação da aprendizagem, ou avaliação dos alunos por meio de provas, é um mecanismo bastante utilizado pelas políticas públicas. Em referência ao ensino fundamental podemos apontar o SAEB – Sistema de Avaliação do Ensino Básico, criado em 1990⁵, como o maior programa avaliativo do país. Ainda que pareça um raciocínio contraditório, tais programas são importantes no contexto educacional porque geram muitos dados que podem suscitar diferentes reflexões sobre a situação do ensino no país. No entanto, como o próprio documento referente ao SAEB 2001 explicita, somente a divulgação dos resultados não ajuda na compreensão do problema, há necessidade de se fazer uma análise contextualizada dos resultados (INEP, 2003). Os dados, fazendo a mesma analogia de Bosi (1992) para as datas, são pontas de *icebergs* e podem indicar caminhos e apontar problemas.

Os dados apresentados no “jornal” estão organizados em dois grupos: acerto e erro. Objetivo, a partir desta simulação, exemplificar como, nos números e gráficos, os alunos, saberes, escolas e professores perdem sua identidade e são “lidos” a partir de um todo, no qual não é possível identificar as partes. O que retrato assemelha-se à clássica cena do filme “Pink Floyd - The wall”, na qual os alunos ao passarem pela máquina/escola saem como uma massa moída. Os resultados apresentados podem ser interpretados de diferentes maneiras, como a massa que sai da máquina-escola pode ser moldada da forma que melhor convier a quem está, no momento, moldando.

Os resultados não traduzem o processo; não apresentam os sujeitos que expressam seus conhecimentos ao responderem as questões; não respondem por que os alunos erram, por que acertam; como passam do erro ao acerto ou do acerto ao erro; não apresentam os procedimentos, as estratégias utilizadas na resolução dos exercícios propostos. Estas questões não aparentes são, por opção, o que me instiga a pesquisar sobre a aprendizagem dos alunos.

Os resultados quantitativos podem ser o ponto de partida para uma análise qualitativa⁶. A mídia interessa-se pelos resultados para transformá-los em notíci-

as⁷. Os resultados, reinterpretados para uma outra linguagem, chegam às pessoas num movimento muito rápido e de forma simplificada.

Não há mentira na reportagem e os resultados retratam uma realidade. Há omissões. As omissões não deixam transparecer que, por trás dos números, há vidas, identidades, vontades, e impedem a visão da intencionalidade de ambas as partes: a do pesquisador, ao escolher os procedimentos, ao selecionar ou elaborar as questões, ao interpretar o que é erro ou acerto; e a do aluno que responder à questão: como se comporta frente a um instrumento avaliativo, como elabora reflexões para responder ao solicitado, como abre a porta de seu mundo para deixar transparecer seu conhecimento por meio de um “x” colocado no item a, b, c ou d.

Defendo que os resultados de qualquer pesquisa que busquem indagar o que os alunos sabem ou não sabem, devem ser analisados na perspectiva de diálogo constante com o processo de construção de aprendizagem. O que isso significa? Significa mapear as estratégias utilizadas pelos alunos na resolução das questões e as relacionar com as situações vivenciadas no cotidiano da sala de aula, entendendo como o aluno dialoga com a professora, com os colegas e com o conhecimento. Trata-se de dialogar com o processo de construção da aprendizagem.

AS INTERPRETAÇÕES FORA DA ESCOLA

A cena dos pais foi construída a partir de conversas formais e informais mantidas com pais e mães durante os anos que atuei como professora e orientadora em escola de ensino fundamental. Há também uma forte influência dos perfis⁸ familiares apresentados por Lahire (1997). Cada pai representa uma idéia de escola, de saber, de professor e de aluno e elabora diferente interpretação para o resultado da pesquisa que conhece por meio da TV.

Três pais, em lares diferentes, na presença do filho, assistindo ao noticiário e interpretando-o a partir de um ponto de vista. O maniqueísmo na busca de um culpado para a situação é proposital. O primeiro pai culpa o filho, os alunos, pelo resultado da pesquisa. Entende que eles não estão aprendendo na escola e julga que este não-aprendizado é resultado da bagunça, indisciplina, falta de interesse. A professora, neste contexto, aparece como incapaz de lidar com a situação não por falta de comprometimento ou estudo, mas pela falta de educação dos alunos que, na visão deste pai, deveria vir de casa⁹. Não entrarei, devido aos limites do texto, numa discussão sobre o conceito de disciplina/indisciplina ou de educação escolar e educação familiar apesar da tentação em fazê-lo. A alusão a estes aspectos é feita

somente para compor o cenário. A criança na cena é apresentada com uma atitude passiva, medrosa, meio sem entender o que foi veiculado na TV, mas entende, perfeitamente, que, seja lá o que for, a culpa é sua.

O segundo pai interpreta os resultados da pesquisa e elege outro culpado para a situação: a escola pública. A angústia toma conta desse pai porque deduz que o filho não está tendo a melhor formação e, provavelmente, acredite que esta formação seja fundamental para seu filho “ser alguém na vida”. Caso não tenha condições, fará grandes sacrifícios para pagar uma escola particular. Não culpa os alunos, nem os professores e, talvez, nem a escola. Culpa o sistema. Um sistema que aparece, materializado na escola, acima de todos, invisível e contra o qual nada se pode fazer, a não ser fugir.

Por fim, o terceiro pai analisa os resultados e elege outro culpado: a inadequação da escola para os tempos atuais. A criança é tida como altamente rápida e evoluída no seu pensar, muito diferente da do século passado. A escola não atende mais as suas necessidades, que esse pai não sabe ao certo quais são. Nesta forma de indicar o culpado pelo problema, educação, escola e consumo transformam-se em uma coisa só. A escola existe, exclusivamente, para atender às necessidades, aos interesses, para dar prazer.

Nesse contexto interpretativo, a escola é entendida como um *shopping center*. Deve estar sempre oferecendo o que é mais atual e sedutor para o aluno. Não importa que esta sedução ocorra apenas no campo visual, com bela arquitetura, com belas máquinas de última tecnologia, e vários outros “belos”. Vivem-se outras espécies de mentiras para e na educação que denomino de “escola para ver”. Assim como Bonazzi e Eco, na clássica antologia sobre a ideologia nos livros didáticos, ao comentarem a posição de editores e autores quanto à elaboração e publicação dos livros, concluem que “para satisfazer a maioria, para não causar discórdias, para evitar suscetibilidades, para agradar a todos, procuram tais autores [os de livros didáticos] manter o livro didático ao nível do óbvio ululante, do corriqueiro, do acrítico, da imbecilidade respeitável”(1980, p. 18). Transponho esta mesma interpretação para as escolas.

A referência à criança pendurada no pingente da cortina é uma forma de apontar o lugar de importância que esta assume na sociedade moderna, quase que beirando à desresponsabilização do adulto sobre a sua educação, no sentido trabalhado por Arendt (1988). É como se a criança, apesar dos amplos cuidados que recebe, estivesse à mercê de sua própria sorte no quesito educação. Há que se lembrar, entretanto, que o conceito de infância, de criança, de adolescente é construído historicamente¹⁰. No século XX, a criança foi colocada em lugar de destaque na sociedade e se tornou consumidora, alvo de grande mercado. Como quem

paga a conta são os pais, criou-se um círculo vicioso: os pais buscam, a todo custo, propiciar aos seus filhos o melhor em todos os aspectos, incluindo aqui, a escola.

Compartilho das idéias de Arendt quanto à necessidade da autoridade do adulto para não deixar a criança entregue a sua própria sorte ou à mercê do grupo, o que, para a autora, seria expô-la a uma autoridade muito mais “terrível e verdadeiramente tirânica, que é a tirania da maioria” (1988, p. 230). No entanto, as palavras marcantes de um Benjamin jovem, com pouco mais de vinte anos, ainda que chamadas para tumultuar minhas certezas, precisam de espaço. Em um texto de 1913, intitulado “Experiência”, Benjamin aponta para a máscara da experiência que envolve o rosto do adulto e que concede a superioridade com a qual ele julga e conduz os jovens, preconizando o que irá acontecer no futuro, pois (ele foi jovem, também ele desejou outrora o que agora queremos, também ele não acreditou em seus pais; mas a vida lhe ensinou que eles tinham razão. E ele sorri com ares de superioridade, pois o mesmo acontecerá conosco). (1984, p. 23).

Esta é a dualidade que se impõe quando se dedica a questionar, a estabelecer um processo de reflexão sobre a escola. Na relação de autoridade, de cuidado, que defendo ser necessária num processo educacional, como não se esconder atrás da máscara da experiência, como detentora da verdade, das certezas? Quais os limites possíveis na escola entre o velho e o novo?

Caminhos para a busca destas respostas podem ser encontrados nas análises de Forquin (1993). Este autor compartilha das proposições de Arendt (1988) para quem a educação tem um caráter conservador, portanto, está sempre voltada para o passado, pelo qual o educador deve demonstrar grande respeito e transmiti-lo às novas gerações. Mas, Forquin adverte que, considerando a educação escolar, deve-se pensar que a escola seleciona o passado que quer lembrar e “a consciência de tudo que ela conserva do passado não deve encorajar a inconsciência de tudo o que ela esquece, abandona e rejeita” (FORQUIN, 1993, p. 15). Há uma memória escolar renovada a cada geração, a cada mudança pedagógica, a cada nova proposta curricular, com esquecimentos, permanências e incorporação de “novos conteúdos e novas formas de saber, novas configurações epistêmico-didáticas, novos modelos de certeza, novas definições de excelência acadêmica ou cultural, novos valores” (FORQUIN, 1993, p. 15). Desta forma, torna-se importante reconhecer que a “escola não ensina senão uma parte extremamente restrita de tudo o que constitui a experiência coletiva, a cultura viva de uma comunidade humana” (FORQUIN, 1993, p. 15).

Essas inquietações incitam a pensar sobre o conceito de escola, criança e educação que estão presentes em cada cena e contribuem para pensar os resultados quantitativos a partir de um outro olhar.

A INTERPRETAÇÃO DOS PROFESSORES

A cena na sala dos professores foi montada a partir de uma situação presenciada na escola na qual desenvolvia a pesquisa quando da divulgação da reportagem do programa Fantástico, divulgada no Domingo, dia 13 de junho. A reportagem foi o assunto na hora do intervalo, na sala dos professores.

Havia um misto de crítica e interesse pelo assunto. Apesar da avaliação ter sido feita em outra cidade e não ter relação nenhuma com aquelas professoras, foi perceptível o incômodo causado, como se todas fossem co-responsáveis pelos resultados alcançados. Nas falas das professoras identifiquei diferentes justificativas para compreender as causas dos fracassos dos alunos avaliados. Selecionei quatro que foram apresentadas na cena 3. Cada uma delas aponta, assim como nas falas dos pais, para um culpado.

A primeira: *“o objetivo nas séries iniciais é ensinar a ler e a escrever. Imagine se vamos ter tempo para trabalhar com tudo...”*, é convidativa para refletir sobre o lugar de destaque que o aprender a ler e a escrever assumem nas séries iniciais. Essa interpretação aparece também com grande força nas entrevistas realizadas com os professores no desenrolar da pesquisa. No entanto, o que se entende por “aprender a ler e a escrever” relaciona-se à decodificação/codificação de letras.

A segunda fala: *“essas pesquisas não provam nada. Estão fora da realidade. Não estão aqui, todo dia, com os alunos, que nem a gente”*, retrata a crítica quanto a este tipo de avaliação por ser, geralmente, realizada por pessoas que não estão cotidianamente na sala de aula e, portanto, elaboram questões que estão “fora da realidade dos alunos”. Este “fora da realidade” ressalta a idéia muito presente entre os professores de que o aluno tem que aprender conforme de suas vivências, pelas coisas que ele conhece, o que não seria um problema desde que estas fossem o ponto de partida e não o de chegada para a aprendizagem escolar. O aluno, nesta visão, só é capaz de resolver questões que estejam diretamente ligadas ao seu cotidiano e elaboradas por pessoas que conhecem as suas dificuldades.

Terceira: *“também, ninguém fala sobre a situação dos alunos. Como o sujeito pode aprender com fome, com pai e mãe brigando todo o dia, até tirar piolhos da cabeça dos alunos temos que fazer ultimamente”*. Esta fala busca a explicação para os fracos resultados voltando o olhar para o aspecto sócio-econômico-cultural do aluno, focando responsabilidades que não pertencem à escola. A vinculação do fracasso a estas condições está muito presente nas análises dos professores. Esta forma de entender o baixo rendimento dos alunos foi percebida em todos os momentos em que me dediquei à observação da rotina da escola e da sala de aula. No entanto, quando se questiona o que é entendido como “condições ruins” não há uma definição clara do que entendem, demonstrando que, na verdade, se conhece

um ou outro perfil social de um aluno carente, e esse perfil é generalizado, tornando-se a “realidade” de todos os outros alunos. Contrariando essa interpretação, Lahire (1997) demonstrou que são muitas as variáveis que devem ser consideradas quanto à influência que a família exerce no processo de aprendizagem da criança.

“No final a culpa é sempre do professor...” foi a quarta fala selecionada. Expressa o sentimento de constante avaliação e cobrança no seu trabalho, também presente nas entrevistas, acompanhado da idéia de que todos apontam os professores como culpados pela situação do ensino no país. Mesmo que as idéias anteriores direcionem para a necessidade de diálogo com questões mais amplas da realidade educacional brasileira, indo dos objetivos do ensino às condições sócio-econômicas e culturais dos alunos, percebi que o sentimento de culpa, passível de ser entendido como fracasso, é muito presente e pesado para os professores. Todas estas interpretações criam uma é muito presente e pesado para os professores. Todas estas interpretações criam uma situação de desconforto, entretanto, ao mesmo tempo, pode-se perceber a vontade desses professores em utilizar os mesmos testes expostos pela reportagem televisiva no seu contexto de sala de aula.

No dia seguinte, quando se consegue uma cópia da avaliação, os exercícios são propostos aos alunos e o resultado alcançado não produz nenhum tipo de reflexão, no sentido de tentar entender o processo de aprendizagem das crianças. Funciona somente para que o professor se localize entre seus pares e evidencie a competência no desempenho do seu papel. Sendo o resultado superior ao apresentado na reportagem, a professora fica feliz e nem analisa muito se o conteúdo do teste é ou não significativo para avaliar a aprendizagem de seu grupo. Um resultado abaixo da média, também não leva a uma atitude reflexiva, serve apenas para reforçar as idéias apontadas de inutilidade desses testes.

Estas indagações, anseios e dualidades interpretativas que permeiam o universo dos professores interferem no processo de aprendizagem dos alunos. Quando se remete a pesquisas no interior da escola, há uma relação que não pode ser descartada entre professor, aluno e aprendizagem. Compreender um pouco mais sobre esse universo, mesmo que tangencialmente, conduz a um entendimento mais substancial sobre o cotidiano escolar no qual atuam esses sujeitos e no qual se constrói a aprendizagem escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizando este artigo, cuja finalidade estratégica foi apresentar os “resultados” e as implicações que alguns resultados quantitativos podem ocasionar na sociedade, na forma de uma notícia incômoda, a reboque de uma situação real de

divulgação de outra pesquisa sobre aprendizagem, proponho deixar uma questão para reflexão: qual a possibilidade que temos, enquanto professores, de auxiliar os alunos para que estes obtenham resultados mais satisfatórios nos processos avaliativos, ainda que possamos não concordar com os mesmos?

Uma leitura quantitativa dos resultados mostra que alunos não estão aprendendo. Traçando a análise quantitativa com os dados coletados na pesquisa etnográfica realizada, da qual originou os dados apresentados neste ensaio, conclui que essa “não aprendizagem” pode ser interpretada de diferentes formas pelos sujeitos que estão diretamente ou indiretamente envolvidos com o cotidiano escolar. Essas interpretações são formuladas a partir de diferentes concepções sobre o que venha a ser a função da escola e o papel do professor no atual cenário social.

Desta forma, qualquer ação no sentido de auxiliar os alunos para que aprendam cada vez mais e melhor e obtenham resultados mais positivos em qualquer processo avaliativo, só poder ser originada por meio de um movimento interno que cada escola, necessariamente, precisa fazer sobre as concepções pedagógicas que balizam as ações no cotidiano escolar.

Entretanto, destaco que esse movimento, que denominei de interno, não se caracteriza por um isolamento social, como se a escola pudesse resolver as diversas problemáticas que se entrecruzam quando o assunto é processo de ensino e aprendizagem. O movimento interno que proponho é uma ação reflexiva dos professores sobre as diferentes concepções que vão se consolidando e que se tornam verdades que passam a ser utilizadas para legitimar nosso fazer pedagógico. A título de exemplo, destaco algumas questões pensadas a partir das cenas e das análises apresentadas neste texto: qual a função e o limite do professor nas séries iniciais do ensino fundamental quanto ao processo de socialização e a construção do conhecimento? Como a concepção que os pais têm a respeito da escola e da criança influencia no processo de aprendizagem dos alunos? Qual a responsabilidade que cabe a cada um de nós, pais, professores, governo, nos resultados apresentados em pesquisas semelhantes? Todas estas questões estão postas para investigação.

De qualquer forma, destaco a importância de olhar para os resultados deste tipo de pesquisa e para as análises que a sociedade faz das causas e conseqüências dos mesmos e buscar compreendê-los em seu contexto específico, como condição fundamental para compreendermos a instituição escola, no contexto geral.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. 10ª ed. Campinas: Papirus, 2003.
- ARENDETT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- ÀRIES, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1984.
- BONAZZI, Marisa e ECO, Humberto. **Mentiras que parecem verdades**. 8ª ed. São Paulo: Summus, 1980.
- BOSI, Alfredo. O tempo e os tempos. In: NOVAES, Adauto. **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- COSTA, Marisa Vorraber (org). **Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- FAZENDA, Ivani (org). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- FORQUIN, Jean Claude. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Qualidade da Educação: uma nova leitura do desempenho dos estudantes da 4ª série do Ensino Fundamental**. Brasília, 2003.
- LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares. As razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.
- LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares. As razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.
- LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.
- POSTMAN, Neil. **O fim da educação: redefinindo o valor da escola**. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.

NOTAS

- ¹ Professora do curso de Pedagogia da UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus Cascavel. Pesquisadora do Grupo GPAAD – Aprendizagem e Ação Docente (UNIOESTE) e Grupo História e Ensino de História (UEL). E-mail: <sandraoliveira@unioeste.br>
- ² Há referência de que se trata de uma pesquisa ilustrativa. O texto completo da reportagem pode ser encontrado no site [www://fantastico.globo.com/Fantastico/0,19125,tfao-2142-5907-154919,00.html](http://www.fantastico.globo.com/Fantastico/0,19125,tfao-2142-5907-154919,00.html)
- ³ As provas foram elaboradas por professores da UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro, e podem ser encontradas em [www://fantastico.globo.com/Fantastico/0,19125,tfao-2142-5907-154909,00.html](http://www.fantastico.globo.com/Fantastico/0,19125,tfao-2142-5907-154909,00.html)
- ⁴ A investigação a qual faço referência, resultou na tese de doutorado, defendida na UNICAMP, intitulada “Educação Histórica e a sala de aula: o processo de aprendizagem em alunos das séries iniciais do ensino fundamental”, orientada pela Dra. Ernesta Zamboni. A investigação realizada foi sobre a influência da escola na aprendizagem da História, mais especificamente, sobre a compreensão do tempo histórico nas crianças das séries iniciais do ensino fundamental.
- ⁵ O SAEB é realizado de dois em dois anos. Os resultados de 2001 indicam que 59% dos alunos brasileiros chegam à 4ª série do Ensino Fundamental sem terem desenvolvido competências e habilidades elementares de leitura e 52% desses mesmos alunos demonstram profundas deficiências em Matemática. O relatório mais detalhado do SAEB – 2001 pode ser encontrado no site do INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, disponível no endereço <http://www.inep.gov.br/download/saeb/2003/boletim-4serie.pdf>
- ⁶ Reflexões a respeito de análises qualitativas e quantitativas em pesquisa em educação podem ser encontradas em: FAZENDA (1997), LÜDKE e ANDRÉ (1986), ANDRÉ (2003) e COSTA (2002).
- ⁷ A notícia pode ter como ponto de partida uma análise quantitativa, na qual as pessoas são relegadas a segundo plano, como é o caso da situação aqui posta, ou então, num movimento contrário, tornar uma pessoa personagem exemplar.
- ⁸ Em sua obra, LAHIRE apresenta alguns perfis de famílias. Há em todas elas uma relação diferente com a escola e esta relação influencia, em parte, o desempenho do aluno. Aqui pretendo discutir a interpretação dos pais com os resultados da pesquisa, cada qual formulando-a a partir dos conceitos que tem de aprendizagem, escola, professor, Estado. São provocações que tangenciam a discussão sobre a aprendizagem escolar, mas que, por motivo de delimitação temática, não serão aprofundadas.
- ⁹ Este tipo de reclamação está muito presente na fala das professoras entrevistadas para a elaboração da pesquisa de doutorado.
- ¹⁰ Apesar da diferença na abordagem sobre o assunto “infância”, é interessante ler, entre outros, ÀRIES (1981) e POSTMAN (1999).